**(Des)organizar a (bio)diversidade da ciência no Museu**

Em atividade desde 2006, sediado no primeiro laboratório que foi construído para o ensino e a investigação da e sobre química em Portugal, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra tem tentado inventariar e preservar as coleções atualmente mais antigas inerentes à física, astronomia, química, história natural e ciências médicas. De momento conta com uma exposição permanente “Segredos da Luz e de Matéria”, e com três temporárias: L’ afrique des Routes; Memórias Feridas, Corpos Revelados; Mapas do Cosmos.

No que diz respeito à organização de objetos (ex. aves, mamíferos, répteis e insetos) ainda se verifica a organização típica por localização geográfica, levando-nos a questionar se não seria possível uma catalogação que fuja à anterior fixação. Este exercício, desorganizar para (re)organizar corresponde a um desafio de singular responsabilidade científica e que é, por vezes, impossível.

Através do contacto com a equipa responsável pela exposição temporária a inaugurar a 20 de abril “Ao Encontro de África: A Identidade de Moçambique através da sua Biodiversidade” percebi algumas das provocações, críticas e dificuldades que enfrentam ao organizar exposições para mostra pública. Por um lado, a organização de coleções por catálogos que, por si só, são antigos; por outro lado, a tentativa de inovar a perspetiva organizacional, nomeadamente, pela taxonómica, mas que não será compatível com todos os métodos e critérios de conservação.

Sobre a exposição “Ao Encontro de África: A Identidade de Moçambique através da sua Biodiversidade” podia também dizer-se, certamente, que a apropriação dos objetos indígenas, por exemplo, se transmite muitas das vezes numa exposição colonial que é reafirmada em cada demonstração de conhecimento sobre os próprios objetos, instrumentos, etc.; podia perguntar-se pelo significado antropológico da exposição; ou até mesmo porque é que a história da ciência faz dos saberes locais um motor pela biodiversidade. Contudo, e creio poder dizê-lo de um modo lato, estou certa que todos e todas nós entendemos a importância de reconhecer/identificar a biodiversidade no contexto das sociedades contemporâneas, bem como a dificuldade de passar este conhecimento – comunicar em ciência – para o grande público e não apenas para as comunidades científicas.

O melhor é mesmo ir e ver a dificuldade de **(Des)organizar a (bio)diversidade da ciência no Museu**!

Lia Raquel Neves (Cientista Social)

Ciência na Imprensa Regional – Ciência Viva